

**Virgens Negras do Brasil e de Cuba:
relações entre catolicismo e política na construção das padroeiras nacionais**

Juliana Beatriz Almeida de Souza – UFRJ

Resumo: A Virgem Maria é um dos símbolos femininos mais fortes do mundo ocidental cristão. Na colonização ibérica na América, a difusão do seu culto cumpriu importante papel na integração de negros e índios nos impérios coloniais atlânticos ibéricos. Mas seu culto também foi território de múltiplas apropriações e, desse modo, a Virgem ganhou novas histórias devocionais e novas invocações e acabou por ocupar lugar na construção de identidades. Muitas dessas invocações converteram-se, posteriormente, em padroeiras nacionais nos diversos países da América Latina. A comunicação pretende comparar o caso da Nossa Senhora Aparecida no Brasil com o da Virgem da Caridade do Cobre de Cuba, refletindo sobre as relações entre devoção mariana, etnicidade e identidade nacional na América ibérica entre fins dos séculos XIX e inícios do século XX, resgatando suas histórias devocioanais desde o período da colonização.

A Virgem Maria é um dos símbolos femininos mais fortes do mundo ocidental católico, o que, aliás, se pode compreender, levando em consideração o domínio que a Igreja católica teve sobre a vida social, durante séculos, e as marcas que ainda possui na cultura dos povos de raízes cristãs. Ao longo dos anos e dos Concílios, a Igreja foi amadurecendo suas afirmações doutrinárias relativas a figura de Maria. E a expansão da sua devoção permitiu a apropriação dessa imagem que ganhou histórias próprias em diferentes lugares. Nessa comunicação, o que me proponho a pensar é o lugar da devoção à Virgem Maria na América ibérica em dois momentos. Primeiro no processo da conquista e colonização e, depois, como a devoção à Virgem Maria na América ibérica participou de uma certa construção da identidade nacional em finais do século XIX e inícios do XX.

O jesuíta José de Anchieta, no século XVI, em seu sermão da Assunção, dizia que Deus teria conferido à Virgem Maria a missão de multiplicar seus filhos,

estendendo a ela a quarta parte do mundo, para ali, também, repartir suas graças¹. Maria, que segundo a doutrina católica, gozava do privilégio da proximidade de Deus e dos homens e se fazia, ao mesmo tempo, elo de ligação entre o Céu e a terra, podia bem ser mediadora entre os missionários da península ibérica e os habitantes da América colonial. Com a descoberta do Novo Mundo, a Virgem, que ajudara os cristãos durante as cruzadas na luta contra os infiéis e continuaria atuando nas guerras santas entre católicos e protestantes, foi invocada pelos conquistadores e missionários ibéricos na luta pelo avanço da fé católica nesse novo território.

Como estratégia para essa comunicação, iniciarei pelo relato das três histórias devocionais que me ocuparei, aqui: a Virgem de Chiquinquirá da Colômbia, a Virgem da Caridade do Cobre de Cuba e Nossa Senhora Aparecida do Brasil. Antecedendo-os, entretanto, passarei, de imediato, ao caso da Virgem de Guadalupe do México, por razões que explicitarei mais tarde.

A primeira aparição da Virgem na América de que se tem notícia ocorreu no México, em 1531. Na versão mais conhecida da aparição, o índio Juan Diego, na manhã de 9 de dezembro, saindo de sua aldeia para assistir a missa, passou pelo monte Tepeyac, onde ouviu um suave canto. Ao chegar ao topo da colina, viu uma resplandecente Senhora que lhe disse para ir falar ao bispo de seu desejo de que ali se construísse um templo em sua honra. O bispo Zumárraga não deu crédito ao que lhe dissera o índio Juan, o qual se apressou a narrar pela tarde a recusa do bispo à Virgem. A Senhora, então, pediu-lhe que insistisse. E, desta vez, o bispo pediu ao índio uma prova do que estava dizendo. Na terceira ida de Juan Diego à casa episcopal, ele foi carregado de flores que a Senhora lhe ordenou que colhesse no alto do monte. Diante do bispo, o índio abriu o seu poncho de onde caíram rosas inexistentes no México, estando ainda gravado no tecido do seu poncho, a imagem da Virgem². Eis, em brevíssimas palavras, o primeiro registro da Virgem de Guadalupe, a primeira aparição reconhecida da Virgem na América.

Também na Colômbia, a intervenção da Virgem dar-se-ia a propósito de uma imagem sua. Segundo relatos, o *encomendero* Antônio de Santana contratou, no ano de

¹ BAUMANN, Teresa. A Gesta de Anchieta: a construção do "outro" nas idéias e práticas jesuíticas nos quinhentos. Niterói, 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense.

² FERREIRA, José Lélío Mendes. Maria na América. Bragança Paulista: A & B Editora, 1992. p. 82 – 86.

1560, o pintor da cidade de Tunja para fazer um quadro da Virgem do Rosário e colocá-lo na capela que construía na cidade de Suta, onde fixara sua residência. Três anos depois, estava pronta a tela: no centro, a Virgem, ladeada por Santo Antônio e Santo André. Mas em 1578, a mesma tela, já deteriorada, foi transferida para outro oratório de Antônio de Santana, em Chiquinquirá. Em 1582, Antônio de Santana morreu e sua viúva passou a residir em Chiquinquirá. Três anos mais tarde, foi morar com a viúva, Maria Ramos, mulher que andava em busca de consolo pela infidelidade do marido. Maria Ramos punha-se a rezar todas as manhãs na capela onde se encontrava o quadro já praticamente destruído, sem que se pudesse reconhecer as imagens pintadas. Foi então que, na manhã do dia 26 de dezembro de 1586, uma índia convertida de nome Isabel passando à frente da capela com o seu filho mestiço, o menino gritou para a mãe, mostrando a imagem da Virgem, que irradiava de si uma grande luz. Maria Ramos, que acabara de sair da capela, também se voltou para a imagem e, os três, com a companhia da viúva do *encomendero* e de outra mulher que vinham chegando, assistiram, entre extasiados e perplexos, a auto-restauração do quadro³.

Em Cuba e no Brasil, as histórias das padroeiras nacionais se iniciam com o encontro de suas imagens. O menino negro, de 10 anos, Juan Moreno e os irmãos índios Juan e Rodrigo de Joyos foram ordenados pelo administrador das estâncias de Varajagua, na ilha de Cuba, a buscar certa quantidade de sal nas salinas naturais da baía de Nipe. Era 1612. Quando chegaram na praia os três foram surpreendidos por uma forte chuva e ventania, tornando o mar agitadoíssimo. Assim, foram obrigados a aguardar que o tempo melhorasse. Depois de três dias, o sol ainda não havia saído, quando avistaram algo boiando sobre as águas. Primeiro, pensaram que era um pássaro sobre as espumas, depois, uma menina sobre uma prancha. Foi, então, que se aperceberam, admirados, que se tratava, na verdade, de uma imagem de Nossa Senhora sobre uma tábua em que estava escrito: “eu sou a Virgem da Caridade”. Os três recolheram a imagem e notaram que as vestes de pano da imagem não estavam molhadas. Com a pressa de mostrar a imagem encontrada, recolheram apenas um terço do sal requisitado⁴.

João Alves, Domingos Garcia e Felipe Pedroso eram três pescadores mamelucos da vila de Guaratinguetá, o Brasil, e também receberam uma missão. Era outubro de

³ *ibid.* p. 52 – 55.

⁴ *ibid.* p.59 – 60.

1717. O governador recém-nomeado, Pedro de Almeida Portugal, estava atravessando a capitania de São Paulo e Minas do Ouro, para de Vila Rica exercer seu cargo, e estava para passar pela vila. A Câmara pretendia fazer um banquete em sua homenagem. Os três pescadores foram convocados para pegarem a maior quantidade de peixe que pudessem. Os três puseram suas canoas nas águas do rio Paraíba, mas não obtinham resultado algum. A época não era boa para pesca. Mas deviam insistir em razão da vista do governador. João Alves lançou sua rede novamente. Dessa vez, sentiu um peso em sua malha. Quando a puxou, percebeu, no seu fundo, um pequeno objeto de cor escura. Os pescadores identificaram-no como a imagem de Nossa Senhora sem a cabeça. João Alves atirou de novo a rede. Veio, então a cabeça da imagem. Os três guardaram-na no barco, voltando-se para a pesca. Daí em diante o sucesso foi tal que os três, por medo de naufragarem, retiraram-se, voltando-se para suas casas, com seus barcos abarrotados de peixes. O título de “Aparecida” parece ter surgido nesses primeiros tempos devocionais, denotando as circunstâncias do encontro dessa imagem de Nossa Senhora da Conceição: *aparecida das águas*

No século XVI, a devoção à Virgem Maria no Ocidente cristão ganhou força no contexto das reformas. Momento em que a Igreja se sentia fraca e apontava para uma disposição combativa. A reforma protestante não desenvolveu uma doutrina coerente e homogênea em relação à figura de Maria, mas seu culto foi o tema que mais severas críticas despertara desde o início do movimento, pois para os reformadores, somente Cristo podia ser mediador e afirmar diferentemente era desvirtuar e até negar a dignidade de Cristo como único salvador⁵. A devoção à Virgem e a crença na sua intercessão, desse modo, ao representar a mais arraigada e preferente prática piedosa da tradição católica, tornou-se símbolo mais visível de todo reformismo no interior da Igreja⁶, símbolo, portanto, de identidade católica.

Ainda que mesclando as antigas tradições com a ortodoxia católica, a devoção à Virgem marcava sua presença no cotidiano colonial. E se foi preciso reinventar em outros domínios para se adaptar à situação colonial, não seria diferente no domínio da devoção mariana. Vale ressaltar, desse modo, a presença de índios nas versões das

⁵ GESTEIRA, M.. Reforma. In: FIORES, S. de, MEO, S. (org.). Dicionário de mariologia. São Paulo: Paulus, 1995. p. 1121 - 1128.

⁶ O’GORMAN, Edmundo, op.cit., p. 121.

aparições de Guadalupe do México e da de Chiquinquirá, na Colômbia, participando do momento central do acontecimento maravilhoso. Os índios dessas narrativas eram índios piedosos, convertidos ao catolicismo, ou prestes a isso, que reconheceram na Senhora seu poder mediador. Tais narrativas, pode-se com razão dizer, esposam o ponto de vista católico. Mas essas histórias devocionais também deixam transparecer o entrecruzar de culturas e a tentativa de trazer o índio para a fé católica. Nos séculos XVII e XVIII, as manifestações prodigiosas da Virgem na América ibérica se multiplicariam.

Virgens índias, negras e mestiças foram, então, forjadas a partir do contato entre a catequização católica e o imaginário colonial. Na América espanhola, em comparação com a América portuguesa, o tema indígena se fez mais forte, e parece possível pensar que Maria, ao falar ora com índios, ora com negros, em uma sociedade colonial com dificuldade para integrá-los, abria um canal para a Igreja católica chegar àqueles que estavam mais distantes do seu discurso. A Igreja encontrava um meio de transformar o colonizado, potencialmente rebelde, em aliado, no fortalecimento da sua presença nas colônias americanas. Não seria casual, portanto, tantos episódios de aparição a índios, na América espanhola, uma vez que a sua domesticação, inclusive como mão-de-obra, foi aí uma preocupação mais constante.

O que me parece, então, importante marcar, aqui, é que o surgimento dessas Virgens negras iberoamericanas no período colonial estava, ao meu ver, relacionado ao contexto de reforço da devoção mariana ligada à defesa do catolicismo e sua transformação em canal privilegiado para a conversão. Nesse sentido, é possível pensar que foi o seu caráter maternal, que acolhia a todos embaixo do seu manto protetor, o que teria sido reforçado na criação de laços com a Virgem. Sua capacidade taumatúrgica e de interceder pelos desvalidos junto a Deus com a promessa de alívio terreno e/ou salvação eterna. Identificando-se com a cor de negros, índios e mestiços, fazia-se mediadora cultural⁷ entre o universo letrado e o mundo a ser conquistado pela fé católica, contribuindo decisivamente para o projeto de ocidentalização.

Em fins do século XIX, novas ênfases seriam dadas ao papel da devoção mariana na relação entre a religião e a política. O século XIX marcou o início da “era de Maria”. A doutrina e a devoção marianas beneficiaram-se sob o papado de Pio IX. Em

⁷ Cf. VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 1991.

1854, foi reconhecido o dogma da imaculada concepção. Também em meados do século, foram registradas aparições de Maria em toda a Europa⁸. Tanto na discussão teológica quanto na piedade popular, Maria tornava-se cada vez mais uma figura autônoma, independente de contextos trinitários ou cristológicos. A devoção à Maria ocupava espaços deixados vagos pela teologia pouco desenvolvida do Espírito Santo. Os primeiros anos do século XX, mantiveram o entusiasmo mariano. Novas aparições foram registradas, sendo a mais famosa delas a de Fátima, em 1917. Grupos leigos levaram ao florescimento de irmandades e movimentos marianos: a Legião de Maria foi fundada em 1921. A espiritualidade católica reforçava o papel de Maria como medianeira e co-autora da redenção⁹.

Aqui, se está seguindo a idéia de que o objetivo principal e universal da Igreja é propagar sua mensagem religiosa. Entretanto, como toda instituição, ela desenvolve interesses específicos e conjunturais que procura defender. Mas essa atitude não é necessariamente adversa à fé e a seu desenho internacional. A defesa de interesses organizacionais e daqueles nascidos das suas relações com o contexto local em que está inserida, ao contrário, pode ser vista, em certos casos, como essencial à promoção da fé, uma vez que a Igreja necessitaria desses recursos para desempenhar eficazmente sua missão. "A tendência de proteger interesses organizacionais tem sido e continuará sendo, dessa forma, um elemento chave no envolvimento da Igreja Católica na política. [...] O compromisso tradicional da Igreja com a salvação universal (em oposição à salvação de poucos eleitos) é fundamental em sua tentativa de incluir em si todas as classes sociais e indivíduos de credos políticos extremamente diversos"¹⁰. Para o catolicismo latino-americano, a segunda metade do século XIX representou um momento de aproximação do papado, buscando "romanizar" a devoção popular aqui engendrada. Se a devoção mariana era elemento fulcral de tal religiosidade, a romanização do seu culto não seria parte fundamental dessa estratégia de pôr em prática a renovação na fé e na disciplina desejada, acentuando o caráter clerical da Igreja e o centralismo religioso sob a autoridade da Cúria Romana, uma vez que o catolicismo na

⁸ Ex.: La Salette, 1846; Lourdes, 1858.

⁹ COYLE, Kathleen. Maria na tradição cristã: a partir de uma perspectiva contemporânea. São Paulo :Paulus, 1999. p.85 – 87; 126.

¹⁰ MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a política no Brasil (1916 - 1985). São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 16.

América Latina, por ter se implantado segundo o regime do Padroado, quer como religião oficial, quer como manifestação popular, encontrava-se mais vinculado à autoridade civil do que ao poder eclesiástico?

A busca por símbolos que representassem a República contribuiu, e é nesta senda que este trabalho procura investir, para o desenvolvimento oficial ou, talvez se possa dizer, para a nacionalização do culto a Virgem de Aparecida no Brasil. Inspirada no imaginário francês, a Primeira República brasileira também desejou representar-se pela imagem da mulher. O uso da alegoria feminina baseava-se em um sistema de interpretação do mundo e buscava preencher o vazio deixado pela saída de cena, com o fim do Império, da figura central do Imperador D. Pedro II. Segundo José Murilo de Carvalho, na “escala dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e a família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade. [...] O símbolo perfeito seria a virgem-mãe, por sugerir uma humanidade capaz de se reproduzir sem a interferência externa”.¹¹

Não eram, pois, mulheres concretas que se estava buscando para representar a República. A utilização da imagem feminina remontava à tradição clássica romana, onde a mulher já era associada à liberdade. O sucesso dessa proposta na República brasileira só teria seus frutos na medida em que encontrasse acolhida no imaginário popular. "Gilberto Freyre sugere alguns fatores que teriam favorecido a representação da República como mulher. Um deles era o repúdio ao patriarcalismo de d. Pedro II que, por tanto tempo, marcara a vida política do país. Outro seria a mariolatria católica."¹²

Na importância do culto a Maria, apoiaram-se os positivistas na insistência do uso da representação feminina, substituindo-a, no entanto, por Clotilde de Vaux, adorada de Comte. Seu rosto já havia sido pintado por Décio Villares na representação da humanidade no estandarte que saiu no cortejo dedicado à memória de Tiradentes. Contudo, ainda segundo J. M. de Carvalho, a separação entre a Igreja e o Estado gerara reação popular, como atestaria o movimento de Canudos e a imagem de Maria teria sido utilizada como "arma anti-republicana", complicando as possibilidades de identificação imediata pretendidas pelo novo regime. “Em 8 de setembro de 1904, Nossa Senhora

¹¹ CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 81.

¹² ibid.. p. 93.

Aparecida foi coroada rainha do Brasil. Observem-se a data e o título: um dia após a comemoração da independência, uma designação monárquica. Não havia como ocultar a competição entre a Igreja e o novo regime pela representação da nação”.¹³

O caminho de reflexão que se está propondo aqui, não é tanto o de uma competição entre Igreja Católica e Estado republicano, mas muito mais, o da compreensão da necessidade da Igreja, diante da nova situação, de reafirmar sua posição na sociedade. Todo o processo de reorganização administrativa e pastoral que ela se impõe, nesse período, parece evidenciar sua tentativa de mostrar-se como poder distinto e imprescindível aos laicos olhos do novo governo. Ao incentivar o culto a Nossa Senhora Aparecida, desde os primeiros momentos da República, é bem possível que a hierarquia católica ainda não tivesse claro a possibilidade de transformá-la em padroeira do país. Além do que, na medida que ela é uma imagem de Nossa Senhora da Conceição¹⁴, Aparecida era apenas uma invocação local que precisava aos poucos sendo transformada em representativa do nacional.

Voltemos, então à Virgem de Guadalupe. Para J. Lafaye, muito antes de ter consciência de estar formando o povo mexicano, os mexicanos tiveram consciência de serem filhos de Guadalupe¹⁵. A Virgem de Guadalupe pode ser um símbolo para uma sociedade que afirmou, assim, sua identidade. O símbolo da Virgem de Guadalupe tem alcance latino-americano e caribenho. Padroeira principal da América Latina, Guadalupe é espécie de paradigma da devoção latino-americana à Nossa Senhora. “Certas táticas usadas em Guadalupe são paradigmáticas para toda a evangelização do continente: o recurso à realidade religiosa pré-hispânica; a ‘frente única’ entre as aspirações nacionalistas dos criollos e as aspirações libertárias dos mundos indígenas”¹⁶.

Para J. Pelikan, no cristianismo nenhum outro símbolo ou conceito desempenhou a função de *pontifex*¹⁷, isto é, de mediadora, com mais sucesso e

¹³ *ibid.*, p. 95.

¹⁴ Cf. Capítulo 2 da dissertação, p.

¹⁵ LAFAYE, Jacques. *Mesías, cruzadas, utopías*. El judeo-cristianismo en las sociedades ibéricas. México: Fondo de Cultura Económica, 1984. p. 135.

¹⁶ HOORNAERT, Eduardo. *História do cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 368.

¹⁷ A palavra latina empregada para designar um construtor de pontes originou o termo *pontifex*. PELIKAN, J.. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 112.

amplitude do que Maria. Um dos mais profundos e persistentes papéis da Virgem, historicamente, foi o de estabelecer um elo com outras tradições. A Virgem de Guadalupe é exemplo disso. Mas o que gostaria de pensar é que nela se agrega ainda outro elemento importante. A Virgem de Guadalupe ganhou fama como a Virgem morena do Tepeyac. Era seu caráter mestiço que a diferenciava, por exemplo da Virgem de Guadalupe de Extremadura, da Espanha. Se há anterioridade do fenômeno das Virgens negras na Europa – de que a Virgem negra Czestochowa, padroeira da Polônia, é um exemplo -, tal fenômeno da velha cristandade parece ter ganho nova conotação na América ibérica. A multiculturalidade e, por que não dizer, multiracialidade da Virgem tem sua origem em uma passagem bíblica do Cântico dos Cânticos em que a Noiva diz: “Negra eu sou, e bela”. Da interpretação dessa passagem teriam surgido as Madona negras na velha cristandade. E foi empregado em relação ao ícone de Czestochowa, atribuído a São Lucas, que o título ganhou significado especial. Nessa imagem, o rosto da Virgem foi escurecido pela fumaça, mas teve o efeito de estimular e sancionar um processo de aculturação artística e litúrgica¹⁸.

As várias manifestações de Maria e o reforço em determinados títulos seus nos dizem sobre a Igreja em uma situação histórica particular. A Igreja constantemente volta-se para Maria como modelo para encarnar qualidades do Deus católico. Assim, cada época forma uma imagem de Maria de acordo com seu imaginário e com as exigências e desafios enfrentados pela Igreja. Dessa forma, como diz S. Mainwaring, as "concepções de fé e da própria missão da Igreja não se modificaram somente como resultado de debates acerca de quais deveriam ser ou de como deveriam proteger interesses institucionais. Pelo contrário, sua identidade modificou-se principalmente porque o processo político mais amplo gerou novas concepções da sociedade e do papel da Igreja dentro dela"¹⁹. Por outro lado, as várias invocações e representações da imagem de Nossa Senhora demonstram a multiplicidade de realidades que esse símbolo pode incorporar. Talvez seja exatamente aí que reside a sua força: ao ser única e ao poder tomar diferentes representações, Maria se consolidou como mediadora do povo cristão junto a Deus. Intercessora especial, na América ibérica, o caráter mestiço das

¹⁸ PELIKAN, J.. Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 113.

¹⁹ MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a política no Brasil (1916 - 1985). São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 25.

padroeiras nacionais incrementou o canal de comunicação entre a Igreja e os fiéis, mas, sobretudo, demonstrava a importância da mestiçagem como elemento da construção de uma identidade latino-americana.